

INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO DE HÉLIO JAGUARIBE: SEUS ARTIGOS DE 1949 NO JORNAL DO COMÉRCIO*

Leila Leite Hernandez**

1. Introdução; 2. O saber; 3. A cultura; 4. A política.

Influência do pensamento de Hélio Jaguaribe na vida intelectual dos anos 40. No Brasil, colocavam-se dois desafios: dilemas da ordem social competitiva e identidade e cultura nacionais. Necessidade de formação de pensamento que superasse crise do pensamento ocidental. Criação do “saber ético, pedagógico e salvacionista”: primeiro passo para elaboração de um “projeto civilizatório autêntico”.

1. Introdução

Os artigos de Hélio Jaguaribe publicados durante o ano de 1949 na Quinta Página do *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro, marcam presença no pensamento social brasileiro. Eles abrem a possibilidade de se recuperar as preferências ideológicas e as escolhas políticas de uma conjuntura onde caminham juntos os debates pós-guerra, polarizados entre democracia e fascismo, e as questões relativas à transição para um Estado democrático em nosso País. Registre-se que o inconformismo face às novas circunstâncias históricas e políticas leva a uma revivência do debate sobre a modernidade. Mas se o tom dos anos 20 fora, sobretudo, dogmático, a partir de 1945 ele cede lugar a uma cuidadosa reflexão social, antropológica e, sobretudo, filosófica.¹

Para compreender o conteúdo dessa produção é preciso que, antes de apresentá-la, rememoremos as circunstâncias históricas e políticas que possibilitaram o seu surgimento. Ela tem a ver com a intensificação dos processos de industrialização e urbanização e, em especial, com o delineamento de um processo de mobilização política crescente, por parte de amplos setores da sociedade, que demanda uma rearticulação entre Estado e sociedade.

Ao inconformismo político, os intelectuais agregam uma preocupação cada vez maior com a questão social. No I Congresso Nacional de Escritores, realizado em janeiro de 1945, ao mesmo tempo que se reivindica a volta da liberdade de expressão e manifestação, discutem-se os temas relativos às relações sociais no campo, à educação popular e à democratização da cultura.

* Texto apresentado no grupo de trabalho Pensamento Social no Brasil, XI Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais (Anpocs), Águas de São Pedro, São Paulo, out. 1987.

** Doutoranda em ciências sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; mestre em sociologia pela Universidade de São Paulo; consultora da Fundação do Desenvolvimento Administrativo (Fundap). (Endereço da autora: Rua Lisboa, 403/61 – 05413 – São Paulo, SP.)

¹ Lembro, como exemplo, a reedição, na Revista *Clima*, n. 4, set. 1949, de um artigo de grande densidade ideológica nos anos 20: Antologia. Com sua verve satírica, Oswald de Andrade critica de forma contundente o nacionalismo do Nhangaçu Verde Amarelo, mais conhecido como Manifesto da Escola da Anta. Já em fins de 1946, início de 1947, o próprio Oswald de Andrade profere uma palestra no Colégio Livre de Estudos Superiores sobre Os Movimentos Culturais em São Paulo a partir do Modelismo, na qual, sem abandonar seu tom caracteristicamente radical, apresenta uma linguagem contida, uma certa inflexão filosófica. In: Cândido, Antonio. *Vários escritos*. São Paulo, Duas Cidades, 1970.

Vale salientar que a produção intelectual desse período é rica em matizes ideológicos. Há a dos comunistas alinhados em torno do Partido Comunista do Brasil, como Astrogildo Pereira, a dos radicais de esquerda, cuja tônica é o desencanto com o stalinismo e o trotskismo mesclado de uma certa simpatia para com algumas dissidências, como o Parti Socialiste Ouvrière et Paysan (PSOP), de Marcceau Piner, ou o Partido Obrero de Unificación Marxista (POUM), de Joaquim Mourim e Andrés Nin, na Catalunha. Deles, o nome de maior envergadura na época era o de Paulo Emílio, que propunha uma posição “socialista independente”.² Mas havia também alguns produtos intelectuais em que era possível encontrar um rastro integralista. Em outros, o traço de cristianismo católico se fez imprimir, como testemunham os textos de Alceu Amoroso Lima.

Este é, esquematicamente, o quadro das principais influências na vida intelectual dos anos 40. Mas há que salientar algumas publicações que constituem verdadeiros marcos na história do pensamento social brasileiro. Entre as revistas, destaca *Clima* (1941-48), *Problemas* (1948) e *Colégio* (1948, SP). Quanto aos livros, *Formação do Brasil contemporâneo* (1942) e *História econômica do Brasil* (1945) de Caio Prado Junior, além de outras obras que, não obstante publicadas nos anos 30, fazem parte dos debates das décadas subsequentes, como *Casa grande & senzala* (1933), de Gilberto Freire e *Rafes do Brasil* (1936), de Sérgio Buarque de Hollanda.³

Toda essa produção cultural, marcada pela falta de homogeneidade ideológica, é uma tentativa de dar conta de dois instigantes desafios que caminham lado a lado. O primeiro, relativo aos obstáculos e dilemas da ordem social competitiva. O outro, uma incansável reflexão sobre a identidade e cultura nacionais. É nesse contexto que devem ser vistos os artigos da Quinta Página de Hélio Jaguaribe Gomes de Mattos, publicados entre 24.7.49 e 25.12.49.

2. O saber

Hélio Jaguaribe vale-se, com frequência, das reflexões de Ortega Y Gasset. Refere-se à necessidade de encarar a profunda crise de conhecimento comum à civilização ocidental para, a partir daí, tornar possível a criação de um projeto civilizatório autêntico. O raciocínio de Jaguaribe supõe, como ponto de partida, uma afirmação síntese do pensamento de Gasset: “Eu sou o que vou fazendo de mim mesmo. Sou o meu fazer-se.” A partir daí conclui que “(...) a condição fundamental do homem é a de ter permanentemente de criar-se a si mesmo (...)”.⁴ Ora, o que implica este plano geral de vida? Ele demanda, antes de tudo, a constituição de um pensamento completo, capaz de criar um saber ao mesmo tempo ético, pedagógico e salvacionista.

Ético, porque voltado para recuperar a nação imersa na inautenticidade. No caso brasileiro, esta é uma problemática a qual se deve acrescer a nossa falta de tradição cultural. Afirma Jaguaribe: “O Brasil, é preciso que se diga, de uma vez por todas, não teve coisa alguma. Surgimos depois do gótico. Nosso barroco foi su-

² Calil, Carlos Augusto & Machado, Maria Tereza, org. *Paulo Emílio – um intelectual na linha de frente*. São Paulo, Brasiliense, 1986

³ Carlos G. Mota cita como polarizadoras do debate intelectual, as revistas *Política*, de São Paulo, *Hierarchia* e *Revista de Estudos Jurídicos e Sociais*, do Rio de Janeiro, todas de tendência de direita. In: Mota, Carlos Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira (1933-1974)*. São Paulo, Ática, 1980.

⁴ Jaguaribe, Hélio. Um prefácio. Quinta Página. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 24 jul. 1949.

periférica. Limitou-se às artes plásticas. Nosso pensamento nunca ultrapassou o plano literário. Somos a terra em que Ruy Barbosa é considerado nosso maior pensador. O movimento modernista, tão importante sob muitos aspectos, foi incapaz de criar uma filosofia, de apresentar uma cosmovisão do mundo”.⁵

Daf Jaguaribe acentuar a urgência de uma investigação dos fundamentos existenciais de nossa sociedade a partir de uma postura filosófica capaz de dar condições ao Brasil de fins da década de 40 de romper a sua situação de inércia. Para tal, baseia-se em Max Sheller, salientando a necessidade de criar “as três formas de saber que correspondem ao homem”. E transcreve a síntese que o próprio Sheller elaborou de sua idéia de saber: “Creio que há três fins supremos do devenir: primeiro, ao devenir e pleno desenvolvimento da pessoa que sabe. Este é o saber culto. Segundo, ao devenir do mundo e ao devenir extratemporal do seu fundamento supremo, essencial e existencial; dos desenvolvimentos que somente em nosso saber humano (e em todo saber possível) alcançam sua determinação evolutiva, este saber cujo fim é a Divindade, chama-se ‘saber de salvação.’ Em terceiro lugar há também o fim de dominar e transformar o mundo para a obtenção de nossos propósitos humanos, fim que o chamado pragmatismo tem unicamente em conta. Este é o saber da ciência positiva, o saber do domínio ou de resultados práticos.”⁶

Este pensamento, cujo corpo é o saber, forja uma unidade imaginária entre: a) indivíduos potencialmente capazes de efetivar seus plenos desenvolvimentos pessoais; b) a elite intelectual, dotada de conhecimento – a Ciência Positiva – para dominar e transformar o mundo, conduzindo os homens a alcançar os seus propósitos.

A articulação dos três níveis citados, através dos quais se desdobra o saber, prenuncia a possibilidade de ser construída uma sociedade fundada no princípio de identidade. Efetivar estes ideais é missão de um “homem de reflexão” e de seu grupo. É, sobretudo, dessa elite intelectual que depende uma nação para ser salva “do nada”. Escreve Jaguaribe: “Ortega e seu grupo foram capazes de salvar a Espanha de seu tempo. Não aguardaram, para isso, que o governo espanhol equilibrasse o orçamento público. Nem ficaram esperando pela recuperação agrícola ou industrial. Há sempre recuperações e desenvolvimentos a se fazerem. O labor cultural tem de ser paralelo e em certo sentido independente de quaisquer outras atividades.”⁷

Outra questão importante para Jaguaribe é que não só a obtenção, como o exercício e, principalmente, a difusão desse saber são um “esforço de liberdade” que prescinde da Universidade. Ignorando a produção intelectual acadêmica, converte a imprensa periódica no “primeiro instrumento, a alavanca para a ruptura inicial da inércia”. Em poucas linhas adverte: “Como a Espanha de Ortega, o Brasil não tem elite nem universidade. Tem apenas povo. Funcionários, profissionais liberais, empregados de todas as atividades econômicas, profissionais de títulos diversos, tudo gente de saber mais ou menos técnico. Tudo Povo. Daf o importantíssimo papel que está reservado à nossa imprensa.”⁸

É sabido que após a II Guerra Mundial há uma queda da produção intelectual no seu conjunto, ainda que, indiscutivelmente, tenham surgido, depois dela, obras

⁵ Id. *ibid.*

⁶ Jaguaribe, Hélio. O saber e a cultura. Quinta Página, *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 31 jul. 1949.

⁷ Jaguaribe, Hélio. Um prefácio. *Op cit.*

⁸ Id. *ibid.*

significativas.⁹ Seria exagero, porém, supor que a decepção de Jaguaribe o levasse a abranger o Brasil como parte articuladamente integrante da cultura ocidental, a ponto de incluí-lo num julgamento generalizante desta natureza. Mesmo porque o país não está, naquela conjuntura, tão pouco inteligente. Há todo um debate que suscita um contundente chamado aos intelectuais, no sentido de se posicionarem frente aos problemas da sociedade brasileira. Como resultado, são tornados públicos dois manifestos, a Plataforma da nova geração, em 1944, e o Testamento de uma geração, coleção de textos publicados no jornal *O Estado de São Paulo*. Por outro lado, não há como ignorar a atuação de intelectuais como Fernando Azevedo, Cruz Costa, Paulo Emílio, Antônio Cândido e Oswald de Andrade, todos de alguma forma vinculados a uma instituição como a Universidade que, não obstante recente, se impõe exatamente por sua produção intelectual.

Afinal, qual o significado das afirmações de Jaguaribe naquela época e, em especial, naquela conjuntura? Uma primeira resposta tem a ver com a militância política. Por certo, não será simples coincidência negar exatamente a presença dos intelectuais que, grosso modo, pertencem a uma vertente ideológica que caminha para o materialismo histórico, dando prioridade às questões sociais e/ou àquelas que se referem à formação da sociedade capitalista no Brasil. Acredito que seja por esta mesma razão que também Roland Corbisier, pouco tempo depois parceiro de Jaguaribe na constituição do “Grupo de Itatiaia”, aponta, em seus artigos sobre o pensamento filosófico, a dificuldade e a premência de que se constituam as novas elites técnicas, sociais e intelectuais.¹⁰

Ainda a propósito da afirmação de Jaguaribe, é preciso ressaltar a existência de um percurso interpretativo que permite pensar num padrão cultural único, do povo e das elites, assentado na capacidade inerente à condição humana de “recriar e até certo ponto de se autocriar”. Mas não é menos verdadeiro que a realização deste projeto, enquanto missão ontológica definidora da própria condição humana, deverá ser comandado pelas elites, agentes privilegiados do projeto salvacionista da civilização cristã ocidental, capaz de obter “a participação do povo que sente, coletivamente, o apelo da missão.”¹¹ Seguindo esta trilha, fica a esperança de que a elite se constitua e realize sua missão precípua de criar uma cultura autêntica.

3. A cultura

O exame dos textos de Jaguaribe revela, como problema central, a crise do pensamento ocidental. Coerente com esta preocupação, proclama a sua crença na necessidade primordial de um esforço autêntico por parte das sociedades, no sentido de procederem a uma investigação sobre os fundamentos de sua existência. E escreve: “Este é um labor cultural e em certo sentido independente de quaisquer outras atividades”, mesmo porque “(...) sobrepara às consequências sociais.”¹² Ora, o que falta é, pois, em primeiro lugar, identificar a posição filosófica da qual

⁹ Perry Anderson, em seu artigo *Modernidade e revolução*, apresenta interessante análise nesse sentido. In: *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, Cebrap, (14): 2-15, fev. 1986.

¹⁰ Refiro-me aos artigos de Roland Corbisier publicados na revista *Colégio*, São Paulo, 1948, e, no ano seguinte, com a fundação do Instituto Brasileiro de Filosofia, na *Revista Brasileira de Filosofia*, São Paulo, 1949.

¹¹ Jaguaribe, Hélio. *A Missão da América Latina*. Quinta Página. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 7 ago. 1949.

¹² Jaguaribe, Hélio. Um Prefácio. op. cit.

decorre o “nosso saber” e a “nossa cultura”. Neste sentido, salienta a importância da reação neokantiana à esterilidade do pensamento positivista.

Com efeito, é sabido que é a partir de Kant que tem vez, no pensamento filosófico, enquanto preocupação central, a pergunta de como se configura a atualidade em que se inscreve o filósofo e qual o papel da filosofia nessa atualidade. Por isto, Jaguaribe retoma o caminho da filosofia desde Kant, ressaltando, mais uma vez, a importância de Max Sheller que, na esteira das meditações de Husserl sobre os problemas lógico e gnoseológico, prossegue na linha fenomenológica em suas reflexões sobre moral, psicologia, sociologia e cultura.¹³ No percurso, assinala a importância do historicismo por circunscrever os problemas culturais no tempo e no espaço, dando ensejo a que se constitua um culturalismo que representa o mundo elaborando uma imagem histórica do homem. Salienta Jaguaribe: “O culturalismo acentua a colocação histórica do homem. E destaca a sua inversão dentro de um outro mundo especial, distinto do mundo natural, que é o mundo da cultura. A cultura implica toda uma simbologia que condiciona o conhecimento. Implica, também, a ‘herança’ de determinadas perspectivas e idéias que escapam à consciência individual e também condicionam o conhecimento (...)”.¹⁴

O marco desta nova perspectiva é Rickert, que substitui a antiga divisão entre ciência do mundo ou da natureza e ciência do espírito, por aquela entre ciência natural e cultural. Isto torna possível adjetivar a cultura como histórica e, sobretudo, qualificar a historicidade humana. “O homem histórico, para o culturalismo, passou a ser a expressão típica e, sob certos aspectos, irreduzível, de um momento dado. Na medida mesma em que o “homem histórico é histórico e não simplesmente homem, nessa medida ele exprime uma realidade específica, uma junção de determinados fatores. Ele é a medida e a expressão de uma realidade cultural. O homem e seus atos passam a ser encarados como imersos num determinado ambiente cultural e condicionados por esse ambiente.”¹⁵

Segundo o culturalismo postulado por Jaguaribe “a revolução darwiniana atingiu também a filosofia da história. A nova perspectiva culturalista se harmonizava com um sentido evolucionista. As épocas e as culturas se sucedendo dentro de um certo meio causal evolutivo”. Vale acrescentar que “a evolução da cultura se dá,” segundo o autor “por etapas, o que se processa numa forma esquematizável em espiral”.¹⁶

Mas, pergunto, como compreender, neste quadro de idéias, a historicidade da cultura? Deve-se considerar que a noção de história que subjaz neste discurso obedece, contrariamente ao que se possa pensar, a um a noção assentada no pressuposto de que a história não é criação (ela não se “auto-cria”), nem tampouco transformação (ela não se “re-cria”). A história fica submetida a um limite, a religião, algo que existe desde o início até o final de uma cultura. Observa Jaguaribe:

“Toda cultura consiste, primordialmente, numa representação intuitivo-emocional do mundo que por razões complexas e em parte misteriosas vai informando, em certas épocas, a consciência de um agrupamento humano. As culturas começam e

¹³ Jaguaribe, Hélio. O saber e a cultura. op. cit.

¹⁴ Id. ibid.

¹⁵ Id. ibid.

¹⁶ Jaguaribe, Hélio. O saber e a cultura. op. cit e Nossa Época e a Cultura Ocidental. Quinta Página. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro 16.10.49

acabam na religião. A nossa, a ocidental, corresponde ao surgimento do cristianismo e ao curso de suas vicissitudes.”¹⁷

Assim, a constituição e o desenvolvimento da cultura ocidental coincidem com a trajetória histórica do cristianismo. Desta forma fica evidente que este discurso é dotado apenas de coerência formal. Não se expõe nem resiste a qualquer questionamento, pois faz parte de um pensamento cuja raiz é adquirida “irracionalmente, por um ato de fé”.¹⁸

A partir daí, sem qualquer receio, pode-se afirmar que o discurso pretensamente filosófico de Jaguaribe mostra com toda a clareza sua face implícita, qual seja, de ser apenas crença. Esse discurso existe porque seu autor crê em Deus. E ele o divulga, em última instância, para dar testemunho de sua fé, missão para a qual conclama todos os homens.

Ora, a construção dessa racionalidade possibilita considerar a cultura uma realidade criada a partir do funcionamento complementar de todos os homens, quer pertençam às elites ou façam parte das massas. Até porque é atribuída a todos, indistintamente, a “missão de criar uma estrutura (religiosa, filosófica, científica, artística e técnica) adequada à nossa perspectiva ocidental e, conjuntamente, a de viver um estilo de vida consoante com essa nova posição teórica (...)”.¹⁹ Especificamente à elite cabe a “colocação de uma problemática de que participem os homens”.²⁰ A ela cabe também recuperar a “vocação heróica”, qualidade a ela inerente. O herói deve ser um “religioso fáustico que sente, em primeiro lugar, sua relação pessoal com Deus”. Quanto ao heroísmo é um “sentimento que impele ao cumprimento da missão. (...) Consiste numa presença mais íntima de Deus, numa participação mais constante no plano do sobrenatural, ele é a base do todo autêntico”. O herói, “extraviado de Deus, busca o Nada”.²¹ No que diz respeito à massa, ela deve ter representações idênticas às da elite e reagir às circunstâncias de uma forma conseqüente com ela.

Esta divisão entre os homens implica apenas diversidade de atribuições. No ideário do autor não significa, em absoluto, desigualdade. Ao contrário, como é o princípio religioso que comanda, é possível considerar os homens iguais perante Deus. Afirma Jaguaribe: “Os homens são todos iguais, todos simples criaturas de Deus, companheiros do drama da vida.” Mas, como na civilização cristã ocidental as diferenças existem, adverte que “a missão do homem é salvar-se e o meio de consegui-lo é a caridade”.

Fica evidente a eficácia prática deste pensamento que tem claras implicações político-ideológicas. Saber o que precisa e deve ser feito permite planejar e, até certo ponto, tornar previsível o curso da história, pois até as possíveis crises ocorreriam como fruto dos desvios no percurso previamente traçado.

E quais são, para Jaguaribe, as mais perigosas ameaças à continuidade social que precisam ser conjuradas? A primeira delas é o desequilíbrio entre ação e compreensão. Quando a compreensão é maior que a ação gera-se passivismo e, ao contrário, se a ação é maior que a compreensão a existência se torna irracional. Já

¹⁷ Jaguaribe, Hélio. A Missão da América Latina. Quinta Página. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 14 ago. 1949.

¹⁸ Jaguaribe, Hélio. A Missão da América Latina. Quinta Página. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 21 ago. 1949.

¹⁹ Id. *ibid.*

²⁰ Jaguaribe, Hélio. *Jornal de Salavin* (de Georges Duhamel). Quinta Página. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 28 ago. 1949.

²¹ Jaguaribe, Hélio. A Missão da América Latina. op. cit. 21 ago. 1949.

o segundo perigo diz respeito à crescente americanização do Ocidente, isto é, à economia de produção universal de mercadorias, ao consumo de massa e à cultura de massa. E, por fim, a terceira grande ameaça: a baixa percentagem de sangue ibérico responsável por uma possível desocidentalização das massas e da própria elite. A respeito desta terceira “terrível” ameaça, onde se esboça um racismo meio camuflado por um vago sentimento de nacionalismo, vale registrar a permanência da condenação da mestiçagem, a partir da idéia de que a raça branca deveria continuar a exercer a sua superioridade de toda ordem. Porque, afinal, entre outras coisas, não foram os ibéricos os responsáveis por nossa colonização, vale dizer, por nos ter introduzido na civilização ocidental? Nessa civilização de brancos cristãos que crêem na igualdade de todos os homens perante Deus?

4. A política

A II Guerra Mundial é o marco de uma crise que destrói definitivamente a velha ordem agrária ou semi-aristocrática, dando lugar à democracia burguesa que, depois de 1945, se universaliza. Na perspectiva de Jaguaribe, esta mudança afeta, de maneira irremediável, o “regime existencial das massas”. Em primeiro lugar, porque promove a agonia do cristianismo a partir da morte da fé na redenção. Lemos em seu artigo *Nossa época e a cultura ocidental*: “A religião tornou-se um manter-se a todo o custo, um aguardar tempos melhores. Daí toda a sorte de compromissos com os poderes do mundo. Cumplicidade com o fascismo, que lhe prometia a imposição de uma nova unidade no Ocidente. Cumplicidade com o materialismo marxista, levando-a a se identificar com a ação social, a reivindicar melhores condições de vida para as massas, na esperança de recuperá-las à custa de bons ofícios. Cumplicidade com o capitalismo, tendo em vista doações para os seminários. Cumplicidade com o Estado, para a obtenção de liberdade de ação. Cumplicidade, acordo, transigência, agonia da forma de subsistir sem o fundo, loucura do corpo de viver sem o espírito. E essa unidade que a religião almejava voltar a impor ao mundo, ela mesma já a perdeu, com o Cisma do Oriente e a Reforma.”²²

A decadência de fé traz como sintomas “sistemas dirigistas e fanatismo moderno, como o racismo, o nazismo, o proletarismo e o pan-eslavismo”. Por sua vez, abre possibilidades para que se enfazze nos Estados Unidos da América o democratismo cultural e, com ele, o estabelecimento da “verdade por eleição”. Para Jaguaribe, esses “sintomas” não devem ocultar o fundamental, isto é, o ponto a partir do qual eles se constituem e que é responsável pela existência no regime de massas. E é explicando o que entende por este regime que aponta a funcionalização do homem como sua característica básica. Escreve: “O aparelho existencial de massas, atendendo a uma coletividade universal, desligou-se do homem, como indivíduo. É um órgão social da espécie. Somente por serem membros da espécie é que os indivíduos são beneficiados pelo aparelho. Quando os fenômenos se projetam no plano da espécie, os indivíduos contam unicamente como números, formalmente, e não como pessoas únicas e irredutíveis. Daí a funcionalização. Ou se-

²² Jaguaribe, Hélio. *Nossa época e a cultura ocidental*. Quinta Página. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 16.10.49.

ja, a vigência social da existência de cada pessoa apenas na medida em que essa pessoa executa uma tarefa no complexo dos serviços do aparelho. Não é a sua pessoa que existe, mas sua tarefa. O homem existe na medida em que cumpre a sua função. Quem existe, pois, é o funcionário. O que para Jaspers, por exemplo, significa inexistir, confundir-se com o *dasein*, ser inautenticamente.”²³

Esta referência à funcionalização é fundamental para o desenvolvimento das demais idéias de Jaguaribe a respeito do regime de massas. Em primeiro lugar, devido à abrangência da funcionalização que atinge tanto o homem ignorante como o homem culto. Aqui se encontra toda uma crítica ao processo que se inicia com a substituição do filósofo pelo cientista e que prossegue retalhando a ciência em várias subciências. Em segundo lugar, porque a funcionalização atua no sentido de promover uma mudança nos padrões de moralidade social vigentes, aumentando as desigualdades sociais, tornando fatal a tendência à estratificação e neutralizando as responsabilidades.

É interessante notar que, para Jaguaribe, o processo de funcionalização gera uma hierarquia apenas e tão-somente em relação ao cargo, dando origem a uma diferença apenas e tão-somente “formal” entre os indivíduos e, por isso, sujeitando-os às massas. Assinala que este processo cria todas as condições para que as responsabilidades dos funcionários que ocupam os altos cargos sejam neutralizadas, recaindo sobre as massas. Vale retomar o texto do autor: “Daí a formação de padrões morais diversos, conforme a situação social dos indivíduos. Por outro lado, a funcionalização não se confunde com a hierarquia antiga. Os privilégios dos altos funcionários, embora de direito, não são de direito divino nem naturais. São provenientes do exercício do cargo, ficam, assim, em última instância, sujeitos ao arbítrio das massas, dos eleitores ou mantenedores do regime. E assim sendo, a cúpula do aparelho não implica numa entrega de responsabilidade equivalente aos homens de direção. A responsabilidade recai sobre as massas, se polariza e se anomiza. Com isso desaparece a liberdade e a responsabilidade moral. (...) O comportamento moral que ainda se exige por tradição e por conservação social, dos indivíduos, desaparece da vida das instituições.”²⁴

Sob esse prisma delinea-se o problema central da política para Jaguaribe, qual seja, o da constituição e do exercício do poder. Pouco a pouco o seu raciocínio conduz à percepção dos aspectos referentes ao conteúdo desta relação fundamental para a sociedade, que diz respeito à distribuição dos comportamentos entre os que mandam e os que obedecem e, conseqüentemente, das responsabilidades, direitos e deveres que lhes competem. Desta forma, é o poder, ou seja, o exercício do comando e da obediência, que diz respeito ao “nós”, o elemento que distingue uma sociedade da outra. E é a partir da noção de poder que elabora as suas críticas ao fascismo, ao bolchevismo e à democracia burguesa.

Quanto à democracia burguesa, acredita que se instala por correspondência a uma civilização capitalista assentada na indústria e na tecnologia, isto é, no domínio da vida econômica. Ela está calcada na idéia de que há espaços para que todos, indistintamente, possam participar do poder, criando uma identidade com o “nós”. Isto gera um individualismo crescente, baseado na idéia-essência da democracia que é, precisamente, a luta pela implementação e manutenção das liberdades pessoais.

²³ Jaguaribe, Hélio. A existência no regime de massas. Quinta Página. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 23 out. 1949.

²⁴ Id. *ibid.*

Em O regime existencial de massas, Jaguaribe, a partir da idéia da inadequação da democracia para as massas, desenvolve suas considerações a respeito do surgimento e da natureza do fascismo. Ele afirma: “Além de não sentir vontade de poder, a massa receia a democracia por ter consciência de que a distribuição da potência social por muitos acarretaria a exacerbação do jogo econômico. Mas o fortalecimento do “nós” coletivo que resulta do natural antidemocratismo das massas, se faz apenas para que o “nós” proveja o benefício de cada um dos homens-massa. O grupo como tal, pouco importa.”²⁵

Vale salientar que a massa que receia a democracia por temor da exacerbação do jogo econômico não apresenta qualquer vínculo específico que a prenda ao grupo. Ela não se constitui em um agrupamento real, ao contrário, é formalmente abstrata e carece de substância que lhe faça agir como grupo. E são essas características que lhe permitem estabelecer uma relação com o poder através do mito e da magia.

No que diz respeito à democracia burguesa, o processo mágico, como “forma de conhecimento e ação”, é o voto, elemento que capta a manifestação da opinião pública. Ele é complementado pelo rito mágico de sacramentalização do poder, cujo núcleo é o processo de transmissão dos cargos. Desta forma, conclui que o poder liberal democrático conserva o seu conteúdo sagrado. Com isto, crê que se constitui o mito do regime liberal que, segundo esta perspectiva, é o próprio regime. Assim concebida, esta democracia que se manifesta apenas no processo eleitoral, na mobilidade do poder e, em especial, no seu caráter representativo, se preserva através de uma série de mecanismos que imputam os erros, os fracassos e toda a sorte de desmandos aos indivíduos.

No entanto, é na análise do fascismo que a preocupação central de Jaguaribe em torno do poder político se explicita. Ele se propõe a identificar como se constitui o poder político fascista, quem o detém, como ele é exercido e, por fim, quem o obedece e como. Para responder a estas questões, ele parte de uma noção-chave no seu pensamento, que é a de mito fascista. Escreve: “(...) os chefes fascistas se apresentavam como cientistas da política, utilizando-se de conceitos e mitos criados pelo socialismo. Af, pois, a última razão de autenticidade do fascismo. O fascismo descobre cientificamente as verdades políticas da mesma forma como o astrônomo e o químico descobrem suas respectivas verdades. E assim fazendo, prepara-se para a planificação das verdadeiras necessidades do Estado e da sociedade, realizando tecnicamente os programas traçados. O mito da verdade política e do cientista da política, como todos os mitos, não foi provocado por ninguém, nem, inclusive, pelos chefes fascistas. Ele veio representar as expectativas fundamentais de povos que necessitavam de uma política exata, capaz de impor aos fenômenos sociais aquela ordenação que salvasse a todos”. E, adiante, conclui: “é nas idéias de verdade política e de política científica que o fascismo tem sua principal semelhança com o marxismo.”²⁶

Quanto ao surgimento do fascismo, Jaguaribe considera que os desmandos mais as contendas partidárias da liberal democracia abriram caminho para a conquista do poder pelo fascismo. É que o fascismo afasta o medo da massa de um processo

²⁵ Jaguaribe, Hélio. O regime existencial de massas. Quinta Página. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 18 dez. 1949.

²⁶ Jaguaribe, Hélio. Considerações sobre o fascismo. Quinta Página. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 18 set. 1949.

de pauperização irreversível, já que outorga aos cidadãos o direito à existência, ou pelo menos a certas condições de existência, como parte do dogma da verdade política científica. Isto cria possibilidades reais de estabelecimento de uma adesão ao chefe, adesão esta que é legal, por sua autenticidade política.

Todas estas considerações apontam para a preocupação política de Jaguaribe com a possibilidade de criação de um poder político autêntico para a América Latina, possível, na medida em que a massa passe por um processo de transformação que dê origem a um povo, capaz de se “autocriar” e se “recriar”. Ora, a fragilidade deste pensamento é notória, posto que sua visão essencialista dos fenômenos históricos não lhe permite nem ao menos cumprir o desafio por ele mesmo sugerido, qual seja o de elaborar um projeto que dê conta dos aspectos primordiais para o surgimento de uma sociedade e de um Estado autênticos.

Summary

This article sets Hélio Jaguaribe's thoughts in the frame of the main influences of intellectual life in the forties, when ideological preferences and political choices were polarized between democracy and fascism. In Brazil, two urgent challenges were imposed one of them, related to obstacles and dilemmas of competitive social order and the other, a reflexion about national identity and culture.

As an answer, Jaguaribe pointed out the necessity to organize a complete thought which overcame the occidental thinking crises. This should be the first step, so that the elites could elaborate an “authentic civilizatory project”, able to mobilize masses and set up conditions to break through the Brazilian insertion situation by that time.

**Armazene conhecimentos
sobre Psicologia. Leia e
assine Arquivos Brasileiros
de Psicologia.**